



## Poesia e retenção

### *Um teste de resistores*, de Marília Garcia

Maurício Chamarelli Gutierrez\*

Há muito a dizer sobre a poesia e(m) *Um teste de resistores*, o mais recente livro de Marília Garcia. Talvez porque o livro pareça falar bastante de si, da poesia, da escrita e da vida de poeta. Ou, mais precisamente, porque essa poesia, em grande parte narrativa (ou performática), tematiza e encena a si mesma e a seu entorno: a leitura, os modos de feitura, de circulação editorial e de crítica da poesia na atualidade. Mais do que solipsista, no entanto, esse gesto se quer convidativo: como se alguém nos abrisse a oficina e nos convidasse à visita, à observação do escrever, dessa escrita que se faz sem se distanciar de seus modos de fazer.

Como um todo, o livro é atravessado por figuras de deslocamento desacelerado; motivos que desenham, aqui e ali, um trânsito que se retém sem se deter, um corpo que não se desloca na velocidade ou não funciona da maneira esperada, uma passagem que não é livre de cesuras, de fricção ou atrito. Nos casos mais concretos, trata-se da própria poeta retida no aeroporto, em alguma viagem, por conta de um festival ou leitura internacional de poesia: em “Você chorou em Bruxelas?”, a viagem atrasada por alguns dias por uma burocracia inesperada; ou ainda a retenção no embarque, em “No aeroporto de

\* Doutor em Teoria Literária pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Schönenfeld de Berlim”, por conta da proibição de levar uma sacola de mão no voo. Em outros, momentos, a retenção surge de algum atrito social, como o escândalo da senhora portuguesa diante do pedido por suco de mamão, uma fruta tropical, em um país de clima temperado (“Na 19ª edição da meia maratona de Lisboa”); tais atritos dão vazão mais de uma vez a certa inabilidade social que a poeta se atribui e que leva as marcas dessa mobilidade dificultada: “uma situação dessas me deixa sem saber / como andar ou me mexer / tento sorrir para escapar do mal-estar” (“Uma mulher que se afoga”). É ainda esse motivo que se encarna nos poemas que tematizam algum episódio de tradução de um poema da própria autora. Aqui, no trânsito friccionado de uma língua a outra, nessa passagem e no que se passa aí, entre as línguas, produz-se um excedente que abre sentidos até então imprevisíveis em suas próprias palavras.

Falaríamos, talvez, em um *tropismo negativo* tematizado pela poesia de Marília: o que interessa não é tanto o estímulo externo que acelera o crescimento ou o movimento (caso mais habitual do fototropismo: a planta que se desenvolve na direção da proveniência de luz solar), mas aquele que os desacelera, os retém, os leva a resistir – temporária ou minimamente – ao deslocamento. O que vem à tona aí é uma dinâmica (ou uma dialética não seletiva ou exclusiva) entre ir e se deter, continuar e parar; ou ainda, para dizê-lo em outra língua (e deixar friccionarem as línguas), entre *ça marche* e *ça ne marche pas* (lembrando que, em francês, *ça marche* pode se dizer em contextos em que o movimento não esteja presente).

Um dos poemas mais marcantes do livro, “blind light”, confere a esse motivo do trânsito retido uma nuance bem diversa. Aqui, a retenção surge da cena do filme *Pierrot le fou*, de Godard, em que, em meio a um diálogo, o protagonista se endereça ao espectador,

interrompendo brechtianamente a progressão dramática. Sobre isso, diz Marília:

esse curto diálogo de *pierrot le fou*  
 contribui para dar ao filme sua dimensão de *filme*  
 de algum modo essa menção ao espectador  
 fura o filme e insere nele uma espécie de  
*corte*  
*interrupção* que dá a ver mais concretamente  
 a dimensão da *montagem* no cinema  
 a mídia que poderia passar despercebida  
 no produto final  
 irrompe no filme criando uma descontinuidade um furo

Aqui, a fricção que fura o fluxo do filme revela algo que parece central na leitura de *Um teste de resistores*: o gesto de abrir a oficina, falar da poesia para dar a ver o processo de sua feitura. Esse é, de certa maneira, o foco de “blind light” e uma das entradas mais convidativas da reflexão sobre a poesia no livro.

A oficina se abre em mais um sentido e o motivo se encarna agora em uma reflexão sobre as formas de circulação ou marginalidade da poesia na sociedade contemporânea. Primeiramente em “Ztaratztaratsztaratztaratztaratztaratztaratz”, onde o convite para ler poemas de Zuca Sardan em um evento envolvendo poetas atuais e marginais abre espaço a uma referência à discussão, frequente na cena atual, em torno das recentes reedições destes últimos: de livros artesanais de circulação parca ou nula, as obras de Cacaso, Chico Alvim e Chacal saltam para belos e cuidados volumes em capa dura, que passam a circular com tiragem comercial. O problema se for-

mula, mais uma vez, entre circulação – troca acelerada na lógica de compra e venda, da qual se lamenta certo discurso parafraseado no poema – e margem – resistência, reserva, artesanaria autônoma, porém inacessível. A saída acena para a manutenção do impasse entre os dois polos a partir da incorporação da margem do poema (“as linhas tipográficas que servem de / moldura e divisória para os poemas”: o *ztaratztaratsztaratztaratztaratztaratztaratzt*) à sua leitura:

queria trazer o zuca para perto lendo um texto de agora  
 que incorporava a margem do texto ao texto  
 transformando essa margem  
 ztaratztaratsztaratztaratztaratztaratztaratzt era possível amar  
 os marginais lendo um livro com tiragem comercial  
 feito por uma editora de circulação

Em seguida vem “Uma mulher que se afoga”, feito em torno do episódio em que, em uma viagem a Cuba, a poeta tenta adquirir uma revista de poesia cuja venda foi proibida pelo governo. A ressonância política do motivo é reforçada quando, em meio às peripécias para conseguir a revista, Marília se vê acossada por apitos policiais, até ser avisada de que ali era a embaixada americana em Cuba e “ninguém pode ficar parado / na frente da embaixada americana em cuba”; que precisa “andar rápido se não quiser / ser detida”. O jogo entre duas constrições é claro: por um lado, a revista *Orígenes* não pode circular senão clandestinamente em Cuba; por outro, não se pode “parar um pouco e olhar o mar”, se esse mar estiver diante da embaixada *americana* em Cuba. De um lado, a *censura* totalitária dos discursos e, do outro, o apagamento das *cesuras* (identificadas à sociedade democrática espetacular, onde a circulação excessiva de discursos e imagens gera imobilidade social).





se desacelera e se aquece e, por outro, a parada total que superaquece e queima a resistência.

O crucial, no entanto, está em outra parte; trata-se da inversão que me parece se operar na expectativa da pergunta: em certo sentido, ainda estamos habituados a escutar nessa “resistência da poesia” algo da ordem de uma reserva negativa, de um recuo ou de uma recusa, inclusive ao movimento (*não passarão!...*). De alguma maneira, a resistência metaforiza habitualmente uma intransitividade, algo da ordem da guerrilha, ou desenha, ainda, a imagem de uma defesa de território: a poesia resiste, sobrevive, ou existe *ainda, contra* os discursos que se sobrepõem a ela ou que formulam e reformulam continuamente sua morte ou desaparecimento...

Se essa ideia pode ser profícua para pensar outros contextos atuais e, eventualmente, inclusive o da poesia e da arte, certamente reedita a metáfora bélica (na qual a *vanguarda* se torna *trincheira...*), correndo o risco de tornar a poesia um discurso entre (e em combate com) outros, mas, ao mesmo tempo, com lugar previamente determinado e identificado para ela. Ora, a hipótese de *Um teste de resistores* inverte a *resistência da poesia* em retenção e aquecimento do fluxo discursivo. Assim, o que interessa nessa poesia e em sua resistência não é resistir em si, sendo o que é, dizendo o que diz, tampouco somente circular, mas fazer resistir algo que passa, conter um fluxo e aquecê-lo: cortá-lo para que se veja nele o discurso mesmo (e, portanto, menos *dizer algo* do que inserir cortes e cesuras naquilo que (se) diz), manter-se no limiar em que o fluxo ameaça se interromper, atentar ao instante em que ele se detém para em seguida continuar – o que se passa quando não se é capaz de responder a uma pergunta.